

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO**

LUÍS ALEXANDRE MEROLLE

**ALIADO OU VILÃO: A DICOTOMIA ACADÊMICA SOBRE
O CELULAR NA ESCOLA**

**São Borja
2025**

LUÍS ALEXANDRE MEROLLE

**ALIADO OU VILÃO: A DICOTOMIA ACADÊMICA SOBRE
O CELULAR NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Mídia e Educação da Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Cátia Melissa Silveira Rodrigues

**São Borja
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M567a Merolle, Luís Alexandre
Aliado ou vilão: a dicotomia acadêmica sobre o celular na
escola / Luís Alexandre Merolle.
25 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) --
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E
EDUCAÇÃO, 2025.

"Orientação: Cátia Melissa Silveira Rodrigues".

1. celular. 2. educação básica. 3. Lei Federal nº
15.100/2025. 4. educomunicação. 5. tecnologia. I. Título.


LUÍS ALEXANDRE MEROLLE

**ALIADO OU VILÃO: A DICOTOMIA ACADÊMICA SOBRE
O CELULAR NA ESCOLA**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Mídia e Educação da Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 novembro de 2025.


Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **CÁTIA MELISSA SILVEIRA RODRIGUES**
Data: 09/12/2025 10:22:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Cátia Melissa Silveira Rodrigues
Orientadora
UNIPAMPA

Documento assinado digitalmente
 **SANDRA REGINA BARBOSA PARZIANELLO**
Data: 09/12/2025 11:38:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Regina Barbosa Parzianello
UNIPAMPA

Documento assinado digitalmente
 **SIDNEY PIRES MARTINS**
Data: 11/12/2025 16:33:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Sidney Pires Martins
UNIPAMPA

ALIADO OU VILÃO: A DICOTOMIA ACADÊMICA SOBRE O CELULAR NA ESCOLA

RESUMO

Este artigo analisa as diferentes percepções acadêmicas sobre o uso do celular na educação básica pública, por meio de uma revisão bibliográfica sistemática, motivado, sobretudo, pela sanção da Lei Federal nº 15.100/2025. Foram selecionados 14 artigos publicados entre 2015 e 2024, identificados por meio de combinações de palavras-chave e critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, o que permitiu classificá-los em uma dicotomia interpretativa central: o celular como aliado e como vilão no espaço escolar. A perspectiva do Aliado compreende o dispositivo como ferramenta técnico-pedagógica capaz de potencializar a aprendizagem, desde que acompanhada de metodologias específicas e formação docente adequada. Por outro lado, a ideia do Vilão argumenta que o celular não é neutro, mas é agente de transformações socioestruturais que afetam a atenção, a relação de autoridade e a experiência escolar, capaz de intensificar dispersão, isolamento e violência simbólica. A análise temporal indica que o otimismo acadêmico é predominante e se intensifica durante a pandemia de COVID-19, sendo posteriormente equilibrado por avaliações críticas no período pós-pandêmico. Conclui-se que o debate não deve se reduzir à dicotomia permitir ou proibir, mas considerar a natureza personalíssima do dispositivo e seus efeitos na cultura escolar. Sugere-se, para pesquisas futuras, o aprofundamento sobre mediações ético-políticas e sobre a disputa de atenção no cotidiano docente.

Palavras-chave: celular; educação básica; educomunicação, tecnologia.

ABSTRACT

This article analyzes different academic perceptions regarding the use of cell phones in public basic education through a systematic literature review, motivated primarily by the enactment of Federal Law No. 15.100/2025. Fourteen articles published between 2015 and 2024 were selected, identified through combinations of keywords and previously defined inclusion and exclusion criteria, allowing them to be classified into a central interpretative dichotomy: the cell phone as an ally and as a villain in the school environment. The Ally perspective understands the device as a technical-pedagogical tool capable of enhancing learning, provided it is accompanied by specific methodologies and adequate teacher training. On the other hand, the Villain perspective argues that the cell phone is not neutral, but an agent of socio-structural transformations that affect attention, authority relationships, and the school experience, capable of intensifying distraction, isolation, and symbolic violence. Temporal analysis indicates that academic optimism is predominant and intensifies

during the COVID-19 pandemic, subsequently balanced by critical evaluations in the post-pandemic period. It is concluded that the debate should not be reduced to the dichotomy of allowing or prohibiting, but should consider the highly personal nature of the device and its effects on school culture. For future research, it is suggested that the ethical-political mediations and the struggle for attention in the daily lives of teachers be explored in greater depth.

Keywords: cell phone; basic education; media literacy; technology.

Introdução

O ano de 2025 começou com a sanção pela União da Lei nº 15.100/2025, que “dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica”, conhecida popularmente como lei que proíbe o uso dos celulares nas escolas. Existem leis que proíbem o uso de dispositivos móveis em diversos Estados e cidades do Brasil, no Rio Grande do Sul desde 2008 o tema já é regulamentado.

A ideia do uso do celular como ferramenta pedagógica, assim como de outras tecnologias, ocupa espaço na imaginação docente; porém, é um assunto controverso. A UNESCO, em 2013, publicou um documento intitulado ‘Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel’, nele a organização aponta 13 benefícios do uso de dispositivo móvel, apoiando o uso do celular na educação com um tom extremamente otimista, que tinha em sua conclusão a seguinte afirmação

Os potenciais de aprendizagem por meio de aparelhos móveis são impressionantes e, em muitos casos, bem estabelecidos. Embora longe de serem uma solução para todos os problemas, elas podem abordar de forma significativa vários desafios educacionais urgentes, de formas novas e efetivas financeiramente. (UNESCO, 2013, p 42)

No entanto, a organização dez anos depois, 2023, publica um outro documento, o ‘Relatório de Monitoramento Global da Educação’ (relatório GEM) onde não mais recomenda o uso do dispositivo móvel com tanto entusiasmo, na realidade estabelece uma cautela na sua implementação

Finalmente, a tecnologia pode ter um impacto negativo se for inadequada ou excessiva. Dados de avaliações internacionais em larga escala, tais como os fornecidos pelo Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Programme for International Student Assessment – PISA), sugerem uma correlação negativa entre o uso excessivo das Tecnologias de informação e comunicação (TIC) e o

desempenho acadêmico. Descobriu-se que a simples proximidade de um aparelho celular era capaz de distrair os estudantes e provocar um impacto negativo na aprendizagem em 14 países. (UNESCO, 2023, p 8)

No intervalo dos relatórios da UNESCO alguns entes estatais brasileiros adotaram a recomendação de uso pedagógico dos celulares, o caso mais emblemático foi o governo do Estado de São Paulo, que em 2017 aprovou projeto alterando a Lei N° 12.730, de 11 de outubro de 2007, que até então proibia o uso de celular, para que permitisse seu uso como ferramenta pedagógica. O mesmo Estado em 2024, um ano depois do relatório GEM, aprova novamente um projeto que modifica mais uma vez a lei de 2007, voltando a proibir o uso dos dispositivos móveis na escola, agora com algumas exceções, como a acessibilidade.

A sociedade também estava atenta a polêmica e participou da discussão, como pode ser visto em artigos publicados em jornais com títulos que despertaram o interesse pela dicotomia apresentada:

“Celular na escola: Aliado ou vilão?”¹

“Proibido nas escolas públicas e em parte da rede particular do Rio: afinal, celular é vilão ou aliado em sala de aula?”²

“Vilão ou mocinho? Escolas proíbem uso do celular em sala, mas mantém diálogo.”³

Desta forma faz sentido procurar entender como a discussão sobre o uso do celular na escola se deu no meio acadêmico, qual era a percepção dos pesquisadores e docentes sobre o tema durante essa época, entre 2013, publicação do relatório da Unesco e 2025 com a lei federal que proíbe o uso do aparelho nas escolas públicas do país. O celular era visto como um aliado, um dispositivo tecnológico capaz de melhorar a performance escolar? Ou um empecilho capaz de trazer mais problemas para uma sala de aula já lotada deles?

O estudo foi feito através de pesquisa bibliográfica sistemática a partir da análise de conteúdo de artigos publicados em agregadores acadêmicos cujo tema seja o uso de celulares na educação, mais precisamente na sala de aula. A análise de conteúdo foi adotada como método pois é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens” (Bardin, 2016, p 48).

Desta forma, o presente artigo se propõe a analisar a evolução da percepção acadêmica sobre o uso do celular na escola, especificamente no período de 2013 a 2024. Para tanto, o estudo busca responder à seguinte questão: como a literatura acadêmica mapeou a dicotomia entre o celular como 'aliado' ou 'vilão' no ambiente escolar, e quais desafios e contribuições pedagógicas foram destacados? Utilizando a Análise de Conteúdo (AC) no corpus de artigos científicos encontrados, a discussão dos resultados será estruturada a partir da categorização dos posicionamentos inferidos — Aliado (apoio), Vilão (crítica) ou Misto (equilíbrio) — e dos argumentos para estas percepções (como formação docente, letramento digital e indisciplina), culminando na reflexão sobre o papel desta tecnologia no contexto escola.

1. Revisão bibliográfica

A discussão sobre novas ferramentas na educação é constante, sejam elas metodológicas, estruturais ou tecnológicas. No campo da tecnologia, a diferença essencial entre debates anteriores — sobre o uso do rádio, da televisão ou do computador — e o atual, em torno do celular, está na natureza do próprio dispositivo. O celular é um aparelho pessoal e móvel, que acompanha o estudante dentro e fora da escola, alterando profundamente a dinâmica da sala de aula e da relação pedagógica.

1.1 Educação Tradicional e ruptura tecnológica

Até poucas décadas atrás, a aula era caracterizada por uma comunicação de mão única: o professor falava, os alunos escutavam. Esse modelo, que Paulo Freire (1987) denominou de educação bancária, se estruturava na ideia de que o saber é depositado no aluno como se este fosse um recipiente a ser preenchido.

O advento das tecnologias digitais, no entanto, tensiona essa lógica e traz novos desafios à educação contemporânea, ao exigir do professor não apenas domínio técnico, mas também o reconhecimento de seu papel mediador diante de

1 *Gazeta do Povo online*, publicada em 16/10/2024.

2 *O Globo*, publicado em 23/09/2023.

3 *Correio Braziliense*, publicado em 23/09/2024.

um novo ecossistema comunicativo. Nesse contexto, Marc Prensky (2001) argumenta que houve uma mudança radical nos estudantes. Os chamados nativos digitais, que cresceram imersos nas tecnologias, pensariam e processariam informações em velocidades e formatos distintos daqueles dos professores — os imigrantes digitais — formados em um sistema educacional linear, sequencial e temporalmente segmentado.

Assim,

Infelizmente para os nossos professores Imigrantes Digitais, as pessoas sentadas em suas salas cresceram em uma “velocidade rápida” dos vídeo games e MTV. Eles estão acostumados à rapidez do hipertexto, baixar músicas, telefones em seus bolsos, uma biblioteca em seus laptops, mensagens e mensagens instantâneas. Eles estiveram conectados a maior parte ou durante toda suas vidas. Eles têm pouca paciência com palestras, lógica passo-a-passo, e instruções que “ditam o que se fazer”. (Prensky, 2001, p 3)

No entanto, o desafio não é apenas incorporar novas ferramentas ao cotidiano escolar. Como alerta Moran (2007), a simples adoção de tecnologias pode produzir uma ‘ilusão de modernização’, na qual os problemas estruturais da escola permanecem intocados, ainda que revestidos de um discurso inovador. O autor chama atenção para o fato de que

... tentamos contrapor na sala de aula, de forma desorganizada e monótona, aos modelos consumistas vigentes, a televisão, o cinema, as revistas de variedades e muitas páginas da Internet o desfazem nas horas seguintes. Nós mesmos como educadores e telespectadores sentimos na pele a esquizofrenia das visões contraditórias de mundo e das narrativas (formas de contar) tão diferentes dos meios de comunicação e da escola. (Moran, 2007, p 3)

A competição entre escola e celular seria marcada por uma disputa pela atenção, a tecnologia trazendo ritmo acelerado e forte apelo emocional, dinâmica, por sua vez, marcada pela economia da atenção e dificilmente compatível com o tempo pedagógico e com os processos que caracterizam a escola.

Essa diferença geraria, portanto, um descompasso entre a escola e os modos contemporâneos de atenção e aprendizagem dos estudantes, tensionando o modelo tradicional de ensino e abrindo espaço para novas formas de relação pedagógica mediadas pelas tecnologias digitais.

1.2 Complexidade Humana e a Exigência de Mediação Ética

A reflexão sobre o uso das tecnologias, contudo, precisa ser conduzida a partir de um olhar que reconheça a centralidade do humano no processo educativo.

É nesse ponto que o pensamento de Edgar Morin se mostra atual e necessário.

Segundo o autor

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.” (Morin, 2000, p.43)

Morin reforça que a educação deve partir da compreensão do ser humano em sua complexidade, e que a tecnologia, por mais presente que esteja em nosso cotidiano, não deve substituir o encontro humano, mas estar a seu serviço. Isso é importante, pois segundo Morin (2000, p 49), o desenvolvimento humano verdadeiro se dá no “desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”.

Essa compreensão dialoga diretamente com a posição mais recente da UNESCO (2023), que adota uma postura de cautela e responsabilidade diante da incorporação tecnológica no ambiente escolar:

A tecnologia deve ser introduzida na educação com base em evidências que demonstrem que ela seria apropriada, igualitária, escalável e sustentável. [...] Seu uso deve atender aos melhores interesses dos estudantes e complementar uma educação baseada na interação humana. Ela deve ser vista como uma ferramenta a ser usada nesses termos. (UNESCO, 2023, p 8)

A aproximação entre as perspectivas de Morin e da UNESCO evidencia que o uso da tecnologia na educação deve estar subordinado a uma ética do humano, na qual o diálogo, a formação crítica e a convivência são centrais. Para Moran (2007) mesmo com a tecnologia o papel do professor continua fundamental, pois é ele que deve ajudar a

Desenvolver a inteligência, as habilidades e principalmente, as atitudes. Ajudar o educando a adotar atitudes positivas, para si mesmo e para os outros. Aqui reside o ponto crucial da educação: ajudar o educando a encontrar um eixo fundamental para a sua vida, a partir do qual possa interpretar o mundo (fenômenos de conhecimento), desenvolva habilidades específicas e tenha atitudes coerentes para a sua realização pessoal e social. (2007, p. 3)

O debate sobre o celular na escola, portanto, vai além da dicotomia entre “aliado” e “vilão”, e se insere em uma discussão mais ampla sobre como a tecnologia pode fortalecer, ou enfraquecer, a experiência educativa e o reconhecimento da diversidade humana.

Essa visão encontra ressonância no pensamento de Paulo Freire, para quem ensinar é um ato essencialmente dialógico. O autor lembra que

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Freire, 2002, p.12)

Freire propõe uma pedagogia que reconhece o estudante como sujeito ativo e coautor do processo educativo, visão que se articula à reflexão sobre as tecnologias digitais e sua apropriação crítica. A relação com o conhecimento, para ele, não pode ser reduzida a um ato técnico, pois implica também uma dimensão moral e política. Como Freire afirma, “educar é substantivamente formar” e “divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado” (Freire, 2002, p.16).

1.3 Educomunicação: O Desafio Ético-Político da Resistência

Nesse mesmo horizonte de uma educação dialógica e participativa surge a Educomunicação, proposta por Soares, que amplia a reflexão freireana ao propor uma nova ecologia comunicativa no espaço escolar. A educomunicação, segundo o autor,

como uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência. (Soares, 2011, p.45)

Essa concepção propõe a construção intencional de ecossistemas comunicativos, que podem ser ricos e abertos ao diálogo e à expressão coletiva, ou, ao contrário, áridos e restritivos, dependentes de modelos verticais de comunicação. Aridez e restrição que Moran (2013, p 1) descreve quando ressalta que apesar das tecnologias terem chegado na escola, elas focaram no controle, na modernização da infraestrutura e na gestão. A mudança pedagógica teria ficado em segundo plano com os programas administrativos sendo mais desenvolvidos que os direcionados a aprendizagem dos alunos. O pouco avanço educacional seria apenas superficial. Desta forma, segundo Soares

..., entende-se que a relação dialógica não é dada pela tecnologia adotada, mais ou menos amigável, mas essencialmente pela opção por um tipo de convívio

humano. Trata-se de uma decisão ético-político-pedagógica, que necessita, naturalmente, ser circundada pela definição de tecnologias de auxílio. (Soares, 2011, p.45)

E ainda,

A educomunicação – enquanto teia de relações (ecossistema) inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas – não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente. Existem obstáculos que têm de ser enfrentados e vencidos. O obstáculo maior é, na verdade, a resistência às mudanças nos processos de relacionamento no interior de boa parte dos ambientes educativos, reforçada, por outro lado, pelo modelo disponível da comunicação vigente, que prioriza, de igual forma, a mesma perspectiva hegemonicamente verticalista na relação entre emissor e receptor. (Soares, 2011, p.37)

A partir dessas reflexões, é possível compreender que o desafio não está propriamente na presença ou ausência do celular em sala de aula, mas no modo como as relações educativas se constroem a partir dele. Desse modo, as tecnologias seriam detentoras de enorme potencial para a educação. Conforme aponta Moran:

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes. (Moran, 2007, p 3)

O celular, enquanto tecnologia simbólica e comunicativa, pode tanto ampliar o diálogo e a expressão quanto reproduzir práticas de controle e isolamento. Depende, portanto, do projeto pedagógico, da formação docente e da intencionalidade comunicativa que orienta o seu uso.

2. Metodologia

O estudo foi elaborado com base em uma pesquisa bibliográfica sistemática de base qualitativa, utilizando a análise de conteúdo (AC) proposta por Bardin (2016) para tratar os dados. A construção de corpus documental se deu por meio de uma revisão sistemática, iniciando com a busca através de palavras-chaves em bases de dados de periódicos e teses de artigos científicos como CAPES, Scielo e Google Acadêmico. As palavras chaves derivam dos termos mais comuns durante a época de discussão da proibição do celular nas escolas: aliado, vilão, celular, educação, escola, tecnologia. A busca combinou os termos 'celular' OR 'smartphone' E

'educação' OR 'escola' E ('aliado' OR 'vilão' OR 'percepção' OR 'impacto') e 'tecnologia', em diferentes *strings* de busca, para refinar a pesquisa⁴.

As palavras-chaves resultaram num corpus com mais de 40 textos para leitura, com a maioria vinda do CAPES, 20 do total. As palavras-chave que mais se destacaram nesse corpus foram:

Tabela 1: Palavras-chave

CONCEITO PRINCIPAL	PALAVRAS-CHAVE CONTABILIZADAS (E VARIAÇÕES)	FREQUÊNCIA
1. Educação / Ensino / Aprendizagem	Educação (12), Ensino (7), Aprendizagem (5), Didático-pedagógico (1), Aprendizagem significativa (1), Aprendizagem online (1)	27
2. Celular / Dispositivo Móvel	Celular (12), Smartphone (4), Telefone móvel (1), Dispositivos móveis (1), Mídias móveis (1), Móvel (1), Aparelho celular (1)	21
3. Tecnologia / TICs / Digitais	TICs (1), TDICs (1), Tecnologia (6), Tecnologias da informação e comunicação (TICs) (1), Tecnologias digitais (3), Tecnologia na escola (1), Recurso tecnológico (1), Ferramentas pedagógicas (1), Ferramentas didáticas (1), Tecnologia educacional (2)	18
4. Temas Específicos	Professor (3), Aluno / Estudantes (3), Políticas públicas (1), Pandemia (1), Nomofobia (2), Cyberbullying (1), Teoria Crítica (2), Língua Portuguesa (1), História (1), Matemática (1)	16
5. Escola / Contexto	Escola (6), Contexto educacional (1), Contexto escolar (1), Sala de aula (3)	11
6. Comunicação / Mídias	Comunicação (3), Mídias (1), Educomunicação (3), Redes sociais (1), Internet (2), Interações (1)	11
Outros	Prática equivocada (1), Punição (1), Autoridade (1), Comportamento (1)	4

Fonte: elaboração do autor (2025)

3. Os termos foram combinados utilizando-se os operadores booleanos: **OR** (para ampliar a busca, recuperando artigos que contivessem ao menos um dos termos relacionados, ex: 'celular' OU 'smartphone'); e **AND** (para restringir a busca, exigindo que todos os termos fossem encontrados no mesmo registro, ex: 'celular' E 'educação'). O uso de parênteses definiu a ordem e a prioridade de execução da busca.

Devido ao tamanho da amostra foi elaborado uma lista de condições para eliminação que poderia ser feita já na leitura do resumo, sendo elas: ser estudo de caso em escola/sala de aula focado exclusivamente na aplicação de software ou aplicativo específico (e não na reflexão sobre o impacto do celular como dispositivo multifuncional); ser monografia ou dissertação; ser focado primariamente na percepção do aluno sobre o celular, e não na percepção do professor, pesquisador, ou na discussão pedagógica/política; Estar fora da temporalidade 2013- 2024.

Após essa primeira filtragem, procedeu-se à leitura integral dos 20 textos remanescentes, etapa em que se aplicou a análise temática de Bardin para identificar unidades de sentido relacionadas às percepções sobre o uso do celular na escola. Aqui cabe esclarecer que, segundo Bardin (2016):

..., o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadoras de significações isoláveis.(2016, p 135)

Nessa fase, foram selecionados apenas os artigos que apresentavam posicionamentos explícitos ou inferíveis sobre o papel pedagógico ou problemático do dispositivo, seja por meio de afirmações diretas, termos avaliativos recorrentes ou construções argumentativas que permitissem a categorização temática, como pode ser visto na tabela 2. A partir desse processo, constituiu-se o corpus final com 14 artigos, que atenderam simultaneamente aos critérios de relevância temática, rigor analítico e aderência ao problema de pesquisa.

Considerando esta última análise, chegou-se ao corpus de 14 textos, embora a pesquisa pretendesse abarcar dados de 2013 para frente, acabou que após a aplicação dos critérios de exclusão, o corpus final abrangeu o período de 2015 em diante, pois somente estes obedeceram a todos os elementos necessários para o estudo.

Os posicionamentos encontrados foram categorizados conforme as perspectivas do uso da tecnologia móvel na escola: Aliado se ela estava mais otimista com a tecnologia; Vilão, mais críticos à presença do aparelho; e Misto que tenta se equilibrar entre as duas interpretações. Os artigos selecionados foram

numerados e serão citados ao longo do estudo pela sigla “A” e seu número sequencial (e.g., A1, A2, A3).

TABELA 2: Corpus definitivo

ID	Título da Obra Ano / Autores	Posicionamento Inferido	Argumento Central / Foco (Síntese)
A1	O Celular na Escola: Vilão ou Aliado! - Timbane, S. A. et al. (2015)	Misto	O celular é aliado se o uso for articulado ao projeto pedagógico, houver regulamentação e gestão das distrações.
A2	O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica... - Pimenta, C. C. C. et al. (2017)	Aliado	Transformar em ferramenta auxiliar do processo de ensino-aprendizagem (<i>mobile learning</i>), com foco na conscientização ética do aluno.
A3	O celular na escola e o fim pedagógico - Zuin, V. G. & Zuin, A. Á. S. (2018)	Vilão	O uso descontrolado (compulsão à conexão) gera perda da autoridade docente e dispersão.
A4	Revisando os conceitos de celular e educação... - Crepaldi, A. (2019)	Aliado	O celular pode potencializar a aprendizagem. Proibir não é a melhor opção , mas exige maior interesse e esforço do professor na mediação.
A5	Tecnologia aliada à educação: um Estado do Conhecimento... - Lima, A. R. Q. et al. (2020)	Aliado	O uso didático direcionado é um meio de dar vazão ao desejo dos alunos de usar o dispositivo, aproveitando sua acessibilidade.
A6	Educomunicação e o desafio do uso das TICs em sala de aula - Pitanga, C.(2020)	Aliado	Imperativo para inserir o aluno na "linguagem de seu tempo". A barreira principal é a falta de preparo e formação do professor para o uso das mídias.
A7	O uso do celular Em escolas do Ensino Médio - Santos, A. J. C. et al. (2020)	Aliado	O celular é aliado do conhecimento se usado de maneira ética e reflexiva. O desafio é a capacitação dos professores e a conscientização dos alunos.

A8	A invasão do smartphone na sala de aula... - Gruschka, A. & Zuin, A. Á. S. (2020)	Vilão	O smartphone é um vetor de violência e perda da autoridade, turvando os limites entre o privado e o público na sala de aula.
A9	Aquele problema chamado celular: O uso do celular... - Beltrán-Pedrerros, S. et al. (2021)	Aliado	É necessário inserir o celular como ferramenta pedagógica . O problema reside na falta de políticas públicas, infraestrutura (internet) e pouca capacitação.
A10	Educação e Contemporaneidade: O celular como recurso pedagógico - Campos, F. A. C. et al. (2021)	Aliado	A escola precisa investir na formação docente para o uso de tecnologias e no desenvolvimento de letramentos digitais.
A11	Tecnologias digitais na educação contemporânea - Costa, M. R. M. et al. (2022)	Aliado	O celular é um catalisador do aprendizado , mas exige que o currículo escolar incorpore novas tendências do letramento digital e o apoio das tecnologias na formação docente.
A12	Os celulares, os professores e os alunos... - Zuin, A. Á. S. & Ferreira, D. A. (2024)	Vilão	O uso instrumental se sobrepõe ao pedagógico . O dispositivo engendra dispersão e <i>cyberbullying</i> . Necessidade de um novo contrato pedagógico crítico.
A13	Reflexões sobre o uso de celulares nas escolas... - Brizola, M. B. et al. (2024)	Vilão	Causa queda no engajamento dos estudantes . O problema reside na falta de formação docente e na dificuldade de gestão em sala de aula.
A14	Riscos e benefícios do uso do celular na Educação Básica - Soares, A. A. et al. (2024)	Aliado	Pode beneficiar a aprendizagem nos anos iniciais , desde que haja planejamento do professor e adaptação das escolas ao uso com fins exclusivamente educativos.

Fonte: Elaboração do autor (2025)

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise de conteúdo dos 14 artigos que compõem o corpus do estudo resultou em uma categorização dos posicionamentos acadêmicos sobre o uso do

celular na escola. Os resultados demonstram uma clara predominância de textos que defendem o potencial pedagógico do dispositivo.

Tabela 3: Percepção sobre o celular

Categoria da Percepção	Contagem	Percentual
Aliado	9	64,3%
Vilão	4	28,6%
Misto	1	7,1%
Total	14	100%

Fonte: Elaboração do autor (2025).

O predomínio da perspectiva Aliado (64,3%) sugere que, apesar da intensa controvérsia social e das legislações restritivas, a maioria da produção acadêmica do período 2015-2024 reconhece o potencial de uso do celular, ainda que de forma condicional.

Os artigos selecionados vão de 2015 a 2024, sendo quatro deles anteriores à pandemia (A1, A2, A3 e A4), seis deles durante a pandemia, que vai de 2020 a 2021 (A5, A6, A7, A8, A9 e A10), e quatro no período que podemos chamar de pós pandêmico, de 2022 a 2024. A classificação dos artigos com percepções de aliado, de vilão e o que poderia se considerar um meio termo, o misto, buscou argumentos que transmitisse esses significados dentro dos próprios artigos.

A ambivalência da visão sobre o aparelho já está presente no artigo A1, de Timbane, Axt e Alves (2015), que evidencia o dilema central da pesquisa: se devidamente incorporado às ações educativas, o celular pode promover maior engajamento, socialização e aumento do conhecimento dos alunos. Por outro lado, há uma preocupação explícita com seu potencial para ser um vilão, principalmente no que diz respeito às dificuldades de controle, distrações e ao déficit de atenção que o uso do dispositivo pode gerar em sala de aula. Esse artigo Misto serve como ponto de partida para a análise, pois sua definição se repetiu em diferentes nuances ao longo de todas as leituras.

4.1. O Celular como Aliado

A percepção positiva do celular como aliado foi predominante entre os textos analisados, ainda que todos ressaltem condições para que esse potencial realmente se concretize. A análise dos quatorze artigos mostrou que o argumento mais forte em defesa do dispositivo (64,3%) vai além do acesso à informação: o celular aparece como catalisador de mudanças que impõem a urgência do letramento digital e da formação docente.

O artigo A1 já evidencia esse dilema central: o celular pode promover engajamento e ampliar a socialização sendo um aliado, mas também traz desafios ligados à distração e perda de foco, tendo um papel vilanesco. Essa visão ambivalente — aqui classificada como mista — atravessa boa parte da produção, reforçando a ideia de que o celular é, em última instância, uma ferramenta.

A defesa do celular como ferramenta pedagógica se intensifica a partir de 2020, durante o período pandêmico da COVID-19, quando sua possível capacidade de distração e prejuízo à aprendizagem é deixada em segundo plano, diante da necessidade de garantir a continuidade das aulas. Isso se reflete no corpus: dos seis textos publicados entre 2020 e 2021, cinco compreendem o dispositivo móvel como um recurso benéfico e potencializador das práticas pedagógicas, enquanto apenas um enfatiza seus riscos e limitações.

A crítica, nesse contexto, desloca-se do aparelho em si para o sistema educacional, apontando que o problema não é o uso do celular, mas a falta de preparo e infraestrutura.

Os textos classificados como *Aliados* convergem em três pontos principais:

Letramento digital e formação docente: O uso pedagógico do celular é compreendido como dependente da formação e da mediação do professor. Autores dos artigos A6 e A11 afirmam que o professor precisa dominar as linguagens digitais e atuar como mediador do conhecimento, e não mais como transmissor. A ausência de políticas de formação continuada é vista como o principal obstáculo à integração significativa do aparelho à prática docente. O letramento digital é, assim, tanto uma necessidade técnica quanto cultural, implicando uma revisão do papel da escola diante das linguagens contemporâneas.

Potencialização da aprendizagem: Diversos estudos destacam que o celular pode ampliar o engajamento e a participação dos alunos quando incorporado de modo intencional ao processo de ensino. Os artigos A2 e A4 ressaltam que o dispositivo, por fazer parte do cotidiano dos estudantes, favorece práticas mais interativas e personalizadas. Essa integração é vista como forma de alinhar a escola à linguagem de seu tempo, promovendo um aprendizado móvel (*mobile learning*) e mais conectado à realidade do aluno.

Barreiras estruturais e políticas públicas: Mesmo entre os autores favoráveis, há consenso de que a adoção do celular enfrenta entraves institucionais e materiais. Trabalhos como os de A9 e A10 apontam que a resistência não decorre do aparelho em si, mas da falta de infraestrutura — sobretudo de acesso à internet — e das proibições impostas por políticas educacionais desatualizadas. Essas restrições perpetuam uma distância entre a cultura escolar e a cultura digital vivida pelos alunos.

Em síntese, os autores que veem o celular como aliado afirmam que a chave está na mediação docente e na intencionalidade pedagógica. Esse olhar encontra amparo no pensamento de Moran (2007) e Prensky (2001), para quem o professor deve adotar novas metodologias, falando a língua do aluno, tornando-se o mediador para o conhecimento. O aparelho, por si, só não transformaria o ensino — seria o professor, com formação e apoio, quem converte um dispositivo de entretenimento em um recurso educativo relevante.

4.2 O Celular como Vilão

Apesar do predomínio da perspectiva Aliado, a visão Vilão (28,6%) apresenta uma crítica fundamental que não pode ser ignorada, concentrando-se nos impactos negativos sobre a disciplina, o ambiente de sala de aula e, principalmente, a autoridade pedagógica. Os argumentos deste bloco, majoritariamente ancorados nas alterações sociais causadas pelo aparelho (A8, A12 e A13), desviam-se da discussão instrumental (se o celular é bom ou ruim) para o seu efeito na reconfiguração das relações cognitivas e afetivas entre professores e alunos. Esses textos tratam principalmente dos seguintes pontos:

A Compulsão, a Semiformação e a Perda da Concentração: O argumento mais forte e coeso é a crítica ao uso descontrolado, que gera a compulsão à conexão (Zuin & Zuin, 2018). Essa compulsão impede a capacidade do aluno de se concentrar, levando a um estado de concentração dispersa que, segundo os autores da Teoria Crítica, resulta na "semiformação" (A12) . O celular, neste sentido, engendra práticas de dispersão da concentração e *cyberbullying* (A12), pois a lógica do consumo instrumental se sobrepõe a qualquer tentativa de uso pedagógico.

A Crise da Autoridade Docente e a Violência: O celular é visto como um vetor de crise de autoridade na sala de aula. A invasão do smartphone turva os limites entre o privado e o público, colocando o professor em risco e diminuindo sua autoridade, como discutido em A8. O aparelho tornou-se o principal instrumento para a gravação e postagem de vídeos de professores em situações vexatórias, sendo um dos pontos de partida para a violência simbólica e física do aluno contra o educador (A8).

O Aluno Presente Somente com o Corpo: A consequência prática desses desafios é a falência da atenção (A13), levantando a preocupação de que o uso do celular cause queda no engajamento, resultando no estudante presente somente com o corpo e mentalmente ausente na aula presencial. Esse distanciamento físico-cognitivo mina o esforço do professor e reforça o dilema da gestão em sala de aula.

A crítica do bloco Vilão se concentra na incapacidade da escola de competir com o fluxo de estímulos do celular e na erosão da figura do professor, cuja autoridade é constantemente desafiada pela onipresença do dispositivo. Essa perspectiva mais árida sobre o aparelho vai na direção contrária a visão mais otimista de Prensky (2001) e de Soares (2011), autores que acreditam no potencial de diálogo da educação com a tecnologia, independentemente do seu propósito.

4.3 Do otimismo com a tecnologia a realidade do dispositivo pessoal

Cronologicamente, a predominância entre os 14 artigos selecionados mostra uma oscilação, no começo, entre 2014 e 2019, temos um equilíbrio no otimismo, já no período da pandemia (2020 a 2021) a produção demonstra um extremo otimismo, e no período pós pandêmico, de 2022 a 2024, a produção mais crítica ressurgue

equilibrando as discussões sobre o uso do aparelho como ferramenta pedagógica. A passagem do tempo mostrou que dependendo da situação a balança entre as visões sobre o aparelho muda. No momento parece haver uma maior consideração crítica sobre as expectativas de uso na sala de aula do dispositivo móvel.

O estudo encontrou como dominante no meio acadêmico uma perspectiva positiva sobre o uso do aparelho celular como ferramenta pedagógica; no entanto, parece que ela se confunde com a ideia de autonomia tecnológica e impessoalidade dos dispositivos. Isso é válido quando se pensa em computadores, projetores, tablets, lousas digitais como ferramentas pedagógicas, mas um dispositivo móvel tão pessoal e híbrido pode ser colocado na mesma balança?

Para aqueles que veem o aparelho móvel multimídia como mais uma tecnologia que pode ser trazida para a escola, o maior desafio pode ser entendido como de ordem técnico-pedagógica. Nessa perspectiva, a formação docente é o principal problema, superando até mesmo a falta de estrutura física e a resistência da instituição (Soares, 2011), visto que falta ao professor preparo para utilizar o celular como instrumento didático. Mesmo quando se fala do potencial para a aprendizagem de algo conectado ao mundo (Moran, 2013), o sucesso disso dependerá da capacidade do professor para extrair o máximo do aparelho. O imigrante digital (Prensky, 2001), nesse caso o professor, tem como dever não só se colocar no lugar do outro, mas falar sua língua, criar novas metodologias para disputar a atenção, selecionar novos conteúdos que sejam atraentes e desvendar as particularidades dos diversos dispositivos dos alunos em uma sala de aula. Os autores seguem a lógica inicial da UNESCO nas Diretrizes para a Aprendizagem Móvel de 2013, que afirmam: “os potenciais de aprendizagem por meio de aparelhos móveis são impressionantes e, em muitos casos, bem estabelecidos”(p.42).

Já aqueles que consideram o celular um potencial vilão, destacam que o aparelho representa uma mudança na sociedade e com forte impacto na educação. O dispositivo agora rivaliza com o professor lhe retirando a autoridade, numa constante disputa pela atenção do aluno, que segue a compulsão à conexão (Zuin & Zuin, 2018), que traz um ecossistema de gratificação instantânea (Prensky, 2001) e um forte apelo emocional (Moran, 2007). A mudança social seria a disponibilidade

da informação: antes necessário um local específico e um tempo linear para alcançar o aprendizado. Atualmente, com a internet e com a portabilidade do celular, não é mais necessário ficar preso a um espaço físico, como a escola, dado que há tantos espaços de aprendizado virtuais disponíveis (Campos et al., 2021).

Desta forma, a disputa no corpus se dá entre dois polos: os autores que entendem o celular como uma ferramenta técnico-pedagógica capaz de ser manipulado para um propósito educacional, o que exige uma série de metodologias específicas a serem desenvolvidas. No polo oposto, mais crítico, acredita-se que essa tecnologia traz mudanças socioestruturais amplas, que reconfiguram a escola, a prioridade de nossa atenção e as relações de autoridade. Assim, sua adoção deve ser melhor avaliada, sendo sua utilização na forma de ferramenta pedagógica um desafio real. Essa situação, para essa vertente, não dependeria apenas do esforço do docente, mas de um olhar mais aprofundado sobre a experiência escolar contemporânea.

5. Considerações Finais

O trabalho teve como objetivo principal entender, por meio de uma revisão bibliográfica sistemática, as posições na literatura acadêmica em torno da adoção do uso do celular nas escolas públicas. A pesquisa foi realizada em 14 artigos classificados em uma dialética de Aliado e Vilão, buscando compreender os desafios no uso de um dispositivo móvel pessoal no espaço da educação básica, de forma a auxiliar criticamente as discussões e implicações da Lei Federal nº 15.100/2025. Com base nos dados coletados, verificou-se uma polarização, dominada majoritariamente pelo lado otimista que, historicamente, se fortaleceu no período da pandemia (2020-2021) e, nos últimos anos (2022-2024), tem sido confrontada com uma perspectiva mais crítica.

Os resultados revelaram uma divisão que tem pressupostos antagônicos: a perspectiva Aliado considera o celular como uma ferramenta com potencial técnico-pedagógico. Ou seja, nessa visão, o cerne da adoção da tecnologia é de ordem metodológica, e por isso, reside na formação docente. O papel que cabe ao professor, o “imigrante digital”, é o de se adaptar à nova linguagem, competir pela atenção e desvendar o potencial da aprendizagem móvel (Prensky, 2001; UNESCO,

2013). Por outro lado, a visão do aparelho como Vilão, crítica à neutralidade do artefato, o aponta como agente de transformações socioestruturais amplas. Essa vertente destaca a erosão da autoridade do professor, a ruptura temporal da linearidade do aprendizado (Campos et al., 2021) e, com isso, a presença apenas do corpo do aluno em sala de aula (Brizola et al., 2024), situação amplificada pela compulsão à conexão (Zuin & Zuin, 2018).

A análise dos artigos, todavia, sugere que a visão tecnicista e otimista ignora a natureza intrínseca do celular como um dispositivo móvel personalíssimo. O aparelho em questão, diferentemente de outras TICs ditas neutras, opera de forma autônoma voltado à disputa pela atenção, promovendo gratificação instantânea pelo seu uso (Moran, 2007), mostrando-se prejudicial ao desenvolvimento humano (Morin, 2000), além de ser resistente à reflexão crítica. Assim sendo, o problema transcende o esforço individual docente, em razão da dificuldade da escola, enquanto instituição comunitária, de compreender a reconfiguração social que busca a atenção do aluno. Nesse contexto, a Lei Federal nº 15.100/2025, que proíbe o celular na escola, surge mais como um sintoma do conflito, decorrente da falta de compreensão, do que uma solução pedagógica. Proibir o dispositivo não interrompe as mudanças socioestruturais em andamento, nem suas consequências, como a violência simbólica. A reconfiguração do espaço e do currículo escolar é o real desafio ético-político (Soares, 2011), mediante a valorização do encontro humano e o diálogo (Freire, 2002), não criminalizando o celular, mas o tratando com cautela, conforme o alinhamento mais recente da UNESCO (2023).

Finalmente, o estudo propõe sugestões para futuras pesquisas. Sugere-se, entre elas, que o olhar não se concentre tão somente na formação ou metodologia do professor, mas nos caminhos ético-políticos capazes de mediar a violência simbólica e o isolamento decorrentes do uso do celular. Isso inclui investigar: como os professores vivenciam a disputa por atenção na sala de aula; debater o papel da escola em um mundo hiperconectado, onde a informação já não se restringe ao espaço escolar; e pesquisar novos contratos pedagógicos eficazes, capazes de construir ecossistemas comunicativos verdadeiramente dialógicos. O celular não é, portanto, um fim em si: ele é um espelho das disputas contemporâneas sobre o que significa aprender, ensinar e conviver em uma sociedade da economia da atenção.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025**. Dispõe sobre o uso do aparelho celular pelos estudantes nas escolas públicas e privadas, do país. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 jan. 3 p. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm

Acesso em: 31 out. 2025.

BRIZOLA, M. B.; SILVA, D. R. Q. da; MARCELLO, F. de A. **Reflexões sobre o uso de celulares nas escolas: uma aula presencial ou um/a aluno/a presente somente com o corpo?**. OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA

LATINOAMERICANA, [S. l.], v. 22, n. 12, p. e8071, 2024. DOI:

10.55905/oelv22n12-041. Disponível em:

<https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/8071> .

Acesso em: 31 out. 2025.

CAMPOS, Fernanda Araujo Coutinho; SOUZA, José Batista de; MATOS, Manoel Rodrigues de Abreu. **Educação e contemporaneidade: O celular como recurso pedagógico**. RIOS - Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco, Paulo Afonso, BA, v. 15, n. 29, p. 90-110, 2021. Disponível em:

<https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/87/87> .

Acesso em: 31 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., 23. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MORAN, José Manuel. **As mídias na educação**. In: MORAN, José Manuel. Desafios na comunicação pessoal. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 162-166.

https://moran.eca.usp.br/textos/tecnologias_eduacacao/midias_educ.pdf

Acesso em: 31 de out. 2025.

MORAN, José Manuel. **A integração das tecnologias na educação**. In: MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2013. p. 89-90.

https://moran.eca.usp.br/textos/tecnologias_eduacacao/integracao.pdf

Acesso em: 31 out. 2025.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. rev.

Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. On the Horizon, [S. l.], v. 9, n. 5, 2001. Disponível em: <https://mundonativodigital.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>.

Acesso em: 31 de out. 2025.

SÃO PAULO (Estado). **Lei nº 12.730, de 11 de outubro de 2007**. Dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular e aparelhos de comunicação nas salas de aula, bibliotecas e outros espaços de estudo e pesquisa das escolas estaduais. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 12 out. 2007. Disponível

em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2007/lei-12730-11.10.2007.html>

Acesso em: 31 out. 2025.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. 3ª Edição, São Paulo: Paulinas, 2011.

TIMBANE, Sansão Albino; AXT, Margarete; ALVES, Evandro. **O celular na escola: vilão ou aliado!** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA (TISE), 20., 2015, Santiago, Chile. Proceedings... Santiago, Chile, 2015. p. 768-773.

Disponível em: <https://www.tise.cl/volumen11/TISE2015/768-773.pdf>

Acesso em: 31 out. 2025

UNESCO. **Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023 – Resumo: Tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem?** Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por

Acesso em: 31 out. 2025.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227770>

Acesso em: 30 out. 2025.

ZUIN, Vânia Gomes; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **O celular na escola e o fim pedagógico**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 39, n. 143, p. 419-435, abr.-jun. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/pL4Qxj8XbMVFCY4XvZJtzzf/?format=html&lang=pt>

Acesso em: 31 out. 2025